



SHERIDAN LE FANU

CARMILLA

A VAMPIRA DE KARNSTEIN

Ilustração de Loren Bergantini
Tradução de Celine Migdalski

TORDESILHAS
FABULOUS CLASSICS

Rio de Janeiro, 2024

SUMÁRIO

Por que ler este clássico?, VIII

Prólogo, XX

1. Primeiro, um susto, XXII

2. Uma convidada, 8

3. Nós trocamos impressões, 18

4. Seus hábitos – perambulação, 28

5. Uma semelhança maravilhosa, 40

6. Uma agonia muito estranha, 46

7. A queda, 52

8. A busca, 60



9. O médico, 66
10. De luto, 74
11. A história, 78
12. Um pedido, 86
13. O lenhador, 92
14. O encontro, 100
15. Suplício e execução, 108
16. Conclusão, 114
- Sobre o Autor, 120





PRIMEIRO,
UM
SUSTO





Nós, aqui na Estíria, embora não sejamos de forma alguma pessoas abastadas, habitamos um castelo, ou como chamamos, *schloss*. Uma pequena renda, naquela parte do mundo, vale muito. Com oitocentos ou novecentos por ano, faz-se milagres. Raramente a nossa renda teria nos incluído entre as pessoas ricas da região. Meu pai é inglês, então carrego um nome inglês, apesar de nunca ter visitado a Inglaterra. Mas, neste lugar ermo e primitivo, onde tudo é tão maravilhosamente barato, eu não vejo como um dinheiro a mais acrescentaria comodidades, ou mesmo luxos.

Meu pai, que trabalhava para o governo austríaco, se aposentou com uma pensão e seu patrimônio, e comprou esta residência feudal e a pequena propriedade na qual ela se encontra, uma barganha.

Nada poderia ser mais pitoresco ou solitário. Está localizada em uma pequena elevação em uma floresta. A estrada, muito antiga e estreita, passa diante da ponte levadiça, nunca erguida enquanto estive lá. Seu fosso, abastecido de percas e navegado por muitos cisnes, tem frotas de lírios d'água flutuando nele.

Acima de tudo, o *schloss* apresenta uma fachada com muitas janelas, torres e uma capela gótica.

A floresta se abre em uma clareira irregular e muito inusitada diante de seu portão. À direita avista-se uma ponte gótica íngreme que conduz a estrada sobre um riacho o qual contorna pela sombra profunda da mata. Eu avisei que este é um lugar muito solitário. Julgue se digo a verdade. Olhando da porta do corredor em direção à estrada, a floresta na qual se situa nosso castelo se estende por vinte e cinco quilômetros à direita e vinte à esquerda. A aldeia habitada mais próxima fica a cerca de onze quilômetros à esquerda. O *schloss* habitado mais próximo, com algum interesse histórico, pertence ao velho general Spielsdorf e se encontra a aproximadamente trinta e três quilômetros à direita.

Disse “a aldeia *habitada* mais próxima” porque existe, a apenas cinco quilômetros a oeste, na direção do castelo do general Spielsdorf, uma aldeia em ruínas, com sua igreja, agora sem teto, em cujo corredor estão os túmulos em decomposição da orgulhosa família Karnstein, agora extinta, que já foi dona do igualmente desolado castelo que, no meio da floresta, tem vista para as silenciosas ruínas da cidade.

A respeito da causa do abandono desse ponto marcante e melancólico reza uma lenda, que compartilharei em outra oportunidade.

Agora devo lhe contar como é pequeno o grupo que constitui os habitantes do nosso castelo. Não incluo criados, nem os dependentes que ocupam quartos nos prédios anexos ao *schloss*. Ouça e espante-se! Meu pai, o homem mais gentil da terra, mas já idoso, e eu, com apenas dezoito anos na data da minha história. Oito anos se passaram desde então.

Eu e meu pai constituímos a família do castelo. Minha mãe, uma dama da Estíria, morreu na minha infância, mas eu tinha uma governanta de boa índole que esteve comigo desde, posso dizer, os primeiros passos. Não me lembro do tempo em que o rosto rechonchudo e bondoso dela não fosse uma figura familiar em minha memória.

Era Madame Perrodon, natural de Berna, cujo cuidado e boa índole agora supriam em parte a perda de minha mãe, de quem sequer me lembro, tão cedo a perdi. Ela era a terceira pessoa em nosso pequeno grupo. Havia uma quarta pessoa, Mademoiselle De Lafontaine, uma senhora que você chamaria, creio eu, de “tutora”. Ela falava francês e alemão; Madame Perrodon falava francês e arranhava o inglês, ao que contribuíamos, meu pai e eu, em parte para evitar que se tornasse uma língua perdida entre nós e em parte por motivos patrióticos, falávamos todos os dias. A consequência foi uma Babel da qual estranhos costumavam rir, e que não tentarei reproduzir nesta narrativa. Além disso, havia duas ou três jovens amigas, quase da minha idade, visitantes ocasionais, por períodos mais longos ou mais curtos, cujas visitas eu às vezes retribuía.

Nosso círculo social se resumia a isso, mas é claro que recebíamos visitas casuais de “vizinhos” de apenas vinte e cinco ou trinta quilômetros de distância. Todavia, posso garantir que minha vida foi bastante solitária.

Minhas *gouvernantes* tinham tanto controle sobre mim quanto se possa imaginar que tais pessoas sábias teriam no caso de uma garota bastante mimada, cujo pai permitia que ela fizesse praticamente tudo do seu jeito.

O primeiro acontecimento, que me acarretou uma impressão terrível, a qual, na verdade, jamais se desfez, constitui uma das primeiras lembranças que tenho da vida. Algumas pessoas pensarão que é tão insignificante que não deveria ser registrado aqui. No entanto, aos poucos você entenderá porque menciono isso. O berçário, como era chamado, embora fosse apenas meu, era uma grande sala no andar superior do castelo, com um telhado pontiagudo de carvalho. Eu não devia ter mais de seis anos quando certa noite acordei e, olhando em volta da minha cama, não vi a babá, nem a minha enfermeira. Encontrava-me sozinha. Não sentia medo, pois eu era uma daquelas crianças felizes que são cuidadosamente mantidas na ignorância de histórias de fantasmas, de contos de fadas e de tradições que nos fazem cobrir a cabeça quando a porta se abre de repente, ou o tremor de uma vela que se apaga e faz a sombra de uma cabeceira dançar na parede mais próxima de nosso rosto. Senti-me aborrecida e insultada ao me encontrar, como presumi, negligenciada, então comecei a choramingar, preparando-me para um forte ataque de choro; quando, para minha surpresa, vi um rosto solene, mas muito bonito, olhando para mim do lado da cama. Era uma jovem que estava ajoelhada, com as mãos sob a colcha. Olhei para ela com uma espécie de admiração alegre e parei de choramingar. Ela me acariciou com as mãos, deitou-se ao meu lado na cama e me puxou para perto dela, sorrindo. Senti-me deliciosamente aliviada na mesma hora e voltei a dormir. Fui acordada por uma sensação como se duas agulhas tivessem penetrado fundo em meu peito ao mesmo tempo, e gritei. A moça recuou, com os olhos fixos em mim, então escorregou para o chão e, como pensei, escondeu-se embaixo da cama.

Estava agora, pela primeira vez, assustada. Então gritei com todas as minhas forças. A enfermeira, a babá, a faxineira, todas entraram correndo, mas, ouvindo minha história, fizeram pouco-caso, acalmando-me o máximo que podiam. Apesar disso, mesmo sendo uma criança, era capaz de perceber que aqueles rostos estavam pálidos com uma expressão incomum de ansiedade. Observei-as vasculhar embaixo da cama e ao redor do quarto, espiar por debaixo das mesas e abrir armários.



— Coloque sua mão naquela depressão na cama. Alguém, *de fato*, se deitou ali. O lugar ainda está quente — sussurrou a faxineira para a enfermeira.

Lembro-me da babá me agradando e das três examinando meu peito, onde lhes contei que senti a picada, e declarando não ter nenhum sinal visível de tal coisa.

A faxineira e as outras duas criadas que cuidavam do berçário permaneceram sentadas a noite toda e, desde aquele dia, até eu ter cerca de quatorze anos, uma criada sempre ficava comigo no berçário.

Por muito tempo depois deste incidente, fiquei muito nervosa. Chamaram um médico, que era pálido e idoso. Lembro-me muito bem de como seu rosto era comprido e taciturno, levemente marcado pela varíola, e de sua peruca castanha. Ele vinha me medicar a cada dois dias, por um bom tempo, e claro, eu odiava.

Na manhã seguinte a essa aparição, eu estava em pânico e não suportava ficar sozinha por um momento sequer, mesmo durante o dia.

Recordo-me de meu pai chegando e se posicionando ao lado da cama, conversando alegremente, fazendo várias perguntas à enfermeira e rindo muito com uma das respostas. Também me dando tapinhas no ombro, me beijando e me dizendo para não sentir medo, que não passava de um sonho e não poderia me machucar.

Mas não me senti confortada, pois sabia que a visita da mulher estranha *não* era um sonho; eu estava *terrivelmente* assustada.

Fui consolada pela garantia da babá, que fora quem veio olhar por mim e se deitou ao meu lado na cama. Eu deveria estar meio entorpecida pelo sono para não tê-la reconhecido. Mas tal declaração, apesar de confirmada pela enfermeira, não me satisfez.

Lembrei-me, no decorrer daquele dia, de um venerável ancião de batina preta, entrando no quarto com a babá e a governanta e conversando um pouco com elas, e muito gentilmente comigo. A fisionomia dele era muito meiga e gentil e ele me disse que íamos orar, juntou minhas mãos e pediu-me suavemente que repetisse, enquanto eles rezavam: “Senhor, ouça todas as boas orações por nós, pelo amor de Jesus”. Acho que essas

eram exatamente as palavras, pois eu as repetia com frequência para mim; e minha babá, durante anos, me fez dizê-las em minhas orações.

Eu me lembrava muito bem do semblante amável e pensativo daquele senhor de cabelos brancos, em sua batina preta, enquanto ele permanecia naquela sala feia, alva e marrom, com a mobília desajeitada de uma moda de trezentos anos atrás e da escassa luminosidade que penetrava em sua atmosfera sombria através da pequena treliça. Ele se ajoelhou, e as três mulheres com ele, orando em voz alta, trêmula e sincera, por, pelo que me pareceu, um longo tempo. Esqueci da minha vida anterior a esse evento, e por algum tempo depois tudo é também obscuro, mas as cenas que acabei de descrever se destacam, vívidas como as imagens isoladas da ilusão fantasmagórica cercada pela escuridão.

